

# Bhavana Society's Dhamma Study Guide –

Texto produzido pelo Bhavana Society -[www.bhavanasociety.org](http://www.bhavanasociety.org)

Traduzido pela equipe da Casa de Dharma – Centro de meditação Budista Theravada / SP  
[casadedharma@yahoo.com.br](mailto:casadedharma@yahoo.com.br) tel. (11) 3256-2824 [www.casadedharma.org](http://www.casadedharma.org)

para efeitos de estudo

## Lição 1: A Vida do Buda - do Nascimento à Renúncia

Era o dia de lua cheia do mês de maio do ano de 563 A.C. A cidade era Kapillvatthu, na fronteira da Índia com o atual Nepal. Ao parar no parque Lumbini para um breve descanso em viagem de visita aos pais, a rainha Maha Maya, que estava grávida, sentiu as dores do parto. Nesse dia e nesse lugar nasceu um nobre príncipe destinado a ser um grande líder religioso. O pai do príncipe era o rei Suddhodana, que pertencia ao clã Sakya.

O asceta Asita, também conhecido como Kaladevala, famoso por suas elevadas realizações espirituais, experimentou um sentimento incomum de alegria durante sua meditação diurna. Logo descobriu que a razão de sua alegria era o nascimento deste nobre príncipe. Fez então uma visita inesperada ao nobre pai que comemorava o nascimento de seu filho ilustre. O asceta Asita havia sido mestre espiritual do rei Suddhodana e este, honrado com a inesperada visita do mestre, levou até ele o bebê como forma de reverenciá-lo. Prevendo o grande futuro da criança com sua visão paranormal, o asceta levantou-se para saudá-la com as mãos unidas. Ao ver a atitude do mestre, o nobre pai repetiu o gesto – saudou pela primeira vez a criança com as mãos unidas.

No quinto dia após o nascimento, o príncipe recebeu o nome de Sidarta, que significa “um desejo realizado”. Seu nome de família era Gautama. Assim, o príncipe tornou-se conhecido como Sidarta Gautama. Sete dias após o nascimento, a rainha-mãe Maha Maya morreu. Depois disso, Maha Pajapathi Gotami, irmã mais nova da rainha, que também era casada com o rei, adotou o príncipe Sidarta Gautama.

Era costume na sociedade agrícola daquele tempo que os reis participassem ativamente das festividades de colheita como forma de incentivar a agricultura. O rei Suddhodana levou o pequeno príncipe a um desses festivais. O bebê ficou sob a sombra de uma árvore de maçã-rosa. A festa era tão magnífica que as pessoas que dele cuidavam se afastaram para ter uma visão melhor. Encontrando-se sozinho na sombra e longe do barulho, o pequeno príncipe – levado pelo hábito de longas práticas em nascimentos prévios – sentou-se com as pernas cruzadas e começou a praticar meditação para obter a unidirecionalidade da mente, conhecida como *samadhi*, desenvolvendo, dessa forma, o primeiro *jhana*. Ao ver seu filho bebê em meditação profunda, o rei Suddhodana saudou-o com as mãos unidas pela segunda vez.

Pouco se sabe sobre a infância do príncipe Sidarta Gautama além do fato de que era um aluno inteligente e comportado. Com base em relatos de historiadores, há poucas dúvidas de que o príncipe tenha tido uma instrução adequada a um descendente de um

povo guerreiro, que provavelmente incluiu o treinamento em artes marciais. Na idade precoce de dezesseis anos, o príncipe Sidarta Gautama casou-se com sua prima, a princesa Yasodara. Após o casamento, o casal real desfrutou uma vida feliz de luxo e bem-estar mundano por quase treze anos.

Um dia, ao passear pela cidade em companhia de seu cocheiro Channa, o príncipe Sidarta observou com sua mente penetrante quatro sinais que mudaram para sempre a perspectiva que tinha da vida. Contemplando um velho refletiu: “Quando um homem, apesar de sujeito ao envelhecimento, vê um velho, freqüentemente fica chocado, humilhado e desgostoso, porque se esquece de que ele próprio não é exceção”. O príncipe pensou: “Eu também estou sujeito ao envelhecimento, portanto, não tenho porque ficar chocado, humilhado e desgostoso diante de um velho”. Com essa reflexão, a vaidade da juventude deixou-o.

Então, contemplou um homem doente e pensou: “Quando um homem, sujeito a todas as formas de doença, vê outro que se encontra doente, fica chocado, humilhado e desgostoso, porque se esquece de que ele próprio não é exceção”. Ele pensou: “Eu também estou sujeito à doença e, portanto, não tenho porque ficar chocado, humilhado e desgostoso com relação a um doente”. Com essa reflexão, a vaidade da saúde deixou-o.

Prosseguindo seu percurso com o cocheiro, o príncipe Sidarta viu um morto. Novamente, refletiu: “Quando um homem, que está sujeito à morte, vê um morto, fica chocado, humilhado e desgostoso, porque se esquece de que ele próprio não é exceção”. Ele pensou: “Eu também estou sujeito à morte e, portanto, não tenho porque ficar chocado, humilhado e desgostoso diante de um morto”. Com essa reflexão, a vaidade da vida deixou-o.

Ao ver um monge feliz com o pouco que tinha, seguindo sozinho plenamente atento e concentrado no caminho, o príncipe Sidarta Gautama pensou: “a vida familiar é tumultuada e insatisfatória<sup>1</sup>; a vida do asceta é livre e vasta. E se eu raspasse os cabelos e a barba, vestisse o manto amarelo, deixasse para trás os meus e me tornasse um sem-lar? Após muita deliberação, percebendo a inutilidade dos prazeres sensuais, ele decidiu deixar o palácio em busca da verdade e da paz eterna. Nesse momento, chega a notícia de que a princesa Yasodhara dera à luz um menino. Um pai comum teria se alegrado com a boa nova, mas para o príncipe Sidarta Gautama a notícia não foi oportuna: “Um obstáculo nasceu; um grilhão surgiu”, pensou. Mais tarde, o avô daria ao menino o nome de Rahula.

Naquela noite, o príncipe Sidarta Gautama dirigiu-se ao quarto onde se encontravam a esposa e o filho, mas não entrou. Permaneceu na soleira da porta por um momento, observando-os adormecidos. Grande era sua compaixão pelos dois entes queridos, mas maior era sua compaixão pela humanidade sofredora. Ele tinha vinte e nove anos de idade. O príncipe Sidarta Gautama deixou o palácio montando o cavalo Kanthaka em companhia do cocheiro Channa. Viajou para uma região distante, cruzando o rio Anoma. Foi às suas margens que raspou os cabelos e a barba e entregou suas vestimentas reais a Channa para que as devolvesse ao palácio. Então, o asceta Sidarta, vestido com o manto amarelo, descalço, de cabeça raspada e sem nenhum bem, partiu em peregrinação na condição de sem-lar.

---

<sup>1</sup> Nota da Tradução: Do inglês, *crowded*, literalmente multidão, aglomeração, nesse contexto tem o sentido aproximado de tumultuado e desorganizado, enquanto *dusty* - empoeirado - também possui o sentido de insatisfatório.

## LIÇÃO 1 – QUESTÕES DE REVISÃO

1. Construa a árvore genealógica do príncipe Sidarta Gautama.
2. Em duas ocasiões o rei Suddhodana saudou seu filho, o príncipe Sidarta com as mãos unidas. Qual foi a primeira delas?
3. Qual foi a segunda ocasião?
4. Explique os quatro sinais que levaram o príncipe Sidarta Gautama a partir como um sem-lar.
5. Resuma as circunstâncias em o príncipe Sidarta Gautama partiu como renunciante.